

O LEVANTE ZAPATISTA E A 1ª DECLARAÇÃO DA SELVA LANCADONA¹

Jean Carlos Ribeiro de Lima

Graduando em História pela Universidade Estadual de Goiás – Campus Itapuranga, bolsista PBIC/UEG

jean_ribeiro_lima@hotmail.com

Valtuir Moreira da Silva

Doutor em História pela Universidade de Brasília (2007), Professor efetivo da Universidade Estadual de Goiás – Campus Itapuranga.

valtuir13@gmail.com

RESUMO: O objetivo da referida discussão, é buscar refletir acerca dos acontecimentos que antecederam ao levante zapatista que ocorrera no Estado mexicano de Chiapas em 1º de janeiro de 1994; bem como analisar os pontos centrais e as demandas estipuladas pelo movimento zapatista que constam na 1ª Declaração da Selva Lancadona. Sendo o movimento zapatista um dos mais conhecidos e importantes movimentos sociais da América Latina, procuraremos esboçar uma análise pertinente envolto dos preparativos para o levante armado de 1994, onde indígenas e camponeses chiapanecos, fartos do descaso das autoridades governamentais, da exploração e da miséria, decidem invadir sete cidades do Estado de Chiapas, no sudeste mexicano, declarando guerra ao Estado mexicano e as políticas neoliberais insufladas pela economia norte americana. Deste modo, apontaremos também, as principais demandas alocadas na 1ª Declaração da Selva Lancadona, lançada logo após ao levante; dentre elas destaca-se a luta por terra, teto, comida, educação, saúde, dignidade, liberdade, justiça e etc., utilizaremos como embasamento teórico: GENNARI (2002) - (2005), FUSER (1994), SANTOS (2008), dentre outros. A comunicação objetiva compreender os desdobramentos do levante zapatista e suas respectivas demandas ao governo do México.

PALAVRAS-CHAVE: Levante. Zapatismo. Neoliberalismo. México. Selva Lancadona.

ABSTRACT: The purpose of that discussion, is to seek to reflect on the events leading up to the Zapatista uprising that occurred in the Mexican state of Chiapas on January 1, 1994; and analysis of the key points and the demands stipulated by the Zapatista movement contained in the Declaration of the Selva 1 Lancadona. As the Zapatista movement one of the most known and important social movements in Latin America, we will try to outline a meaningful analysis wrapped preparations for the armed uprising of 1994, where indigenous peasants and Chiapas, neglect of fed up with government authorities, exploitation and misery, decide to invade seven cities of the State of Chiapas in southeastern Mexico, declaring war on the Mexican state and the neoliberal policies inflated by the North American economy. Thus, we will point out also the main demands allocated in 1 Declaration of the Selva Lancadona, launched soon after the uprising; among them there is the struggle for land, housing, food, education, health, dignity, freedom, justice and so on,

¹ Este artigo é fruto do Projeto de Pesquisa “Movimentos Sociais Camponeses no Brasil e México Frente ao Processo Neoliberal – 1990-2010”, desenvolvido no Campus de Itapuranga, com orientação do Prof. Dr. Valtuir Moreira da Silva. t

we will use as theoretical basis: GENNARI (2002) - (2005), FUSER (1994), Santos (2008), among others. The objective communication understand the unfolding of the Zapatista uprising and their demands to the government of Mexico.

KEYWORDS: Levante. Zapatismo. Neoliberalism. Mexico. Selva Lacandona.

Introdução

Analisando os compêndios de história, especialmente os que dedicam uma análise a história econômica e política, observamos que a ideologia neoliberal emergiu e propagandeou-se a partir do século XX. Nesse sentido, estruturas econômicas imperialistas começam a desenhar as conjunturas sócio-políticas da sociedade mundial. Fruto do liberalismo que originou-se a partir do século XVI, o Neoliberalismo, que na realidade é uma forma disfarçada e maquiada do próprio liberalismo, ganhou força e prestígio, irrompendo com qualquer tipo de ideais comunistas ou socialistas².

Período em que se preconizava o “fim da história”, cuja propaganda se constituía de um discurso antirrevolucionário, onde as rebeliões e protestos populares estavam cada vez mais suplantados pela força do capitalismo em suas diversas facetas; parecia que o século XX, não produziria nenhuma ameaça à hegemonia das ideologias potencializadas na última década, especialmente as que se coadunavam com as prerrogativas da “democracia liberal” e do “capitalismo burguês”. (FILHO, 2004)

O levante acometido no Estado mexicano de Chiapas em 1º de janeiro de 1994, vem ao encontro destes preceitos neoliberais, mesmo que ainda não fossem totalmente conhecidos e reconhecidos como força revolucionária capaz de ameaçar, pelo menos de início no México, a hegemonia neoliberal.

O interessante é que na mesma data da insurreição zapatista, entrava em vigor o Tratado de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), acordo assinado entre Estados Unidos, Canadá e México, com o objetivo de “desenvolver” suas respectivas economias, liberando incentivos fiscais e rebaixando as taxas de exportação/importação de produtos principalmente industrializados.

² É importante frisar que, a discussão das origens do liberalismo e neoliberalismo se fazem importantes, porém trata-se de uma complexa e aprofundada análise. Portanto, optamos por deixar esta relevante discussão para uma próxima produção, já que o objetivo aqui é discutir a insurreição zapatista. Os conceitos “Liberalismo” e “Neoliberalismo”, são tratados aqui de maneira superficial, no intuito de que o leitor tenha uma noção básica dos termos.

Por mais que possa parecer mera coincidência, o levante armado de 1994 que tomou sete cidades do Estado Chiapaneco, surpreendeu a todos, inclusive o Presidente Carlos Salinas de Gortari que afirmava que o México através do NAFTA, entraria de vez no seletivo grupo dos países desenvolvidos.

Composto em sua essência por indígenas e camponeses de Chiapas indignados com o descaso do governo frente à situação de extrema miséria e abandono por parte do Estado, é lançado e divulgado pelos zapatistas no momento do levante os pontos centrais da 1ª Declaração da Selva Lacandonense, que alocava os motivos da rebelião e as verdadeiras reivindicações exigidas como condição de início de negociações com o governo.

O México das contradições

Ao pensarmos nas comunidades autônomas zapatistas, é preciso, antes de mais nada, compreendermos a própria história do México. Desde o processo de colonização espanhola, este país repleto de tradições, crenças e ritos, sofre com a exploração exacerbada e dizimadora de seus principais sujeitos; Maias e Astecas, entre outras multifacetadas etnias indígenas, foram quase que por completo exterminados.

A resistência, a persistência e a luta destes povos, mediante um projeto ideológico dominante e explorador, desenha, em linhas gerais, a história deste México multicultural. Pensando desta forma, observamos que os zapatistas nada mais são,

Nós somos o produto de 500 anos de luta: primeiro contra a escravidão, na guerra da independência contra a Espanha, liderada por insurgentes, em seguida, para evitar ser absorvido pelo expansionismo norte-americano, depois de promulgar nossa Constituição e expulsar o Império Francês de nosso solo, após a ditadura de Porfirio Díaz. Este negou-nos a aplicação apenas das leis de Reforma e o povo se rebelou formando seus próprios líderes, Villa e Zapata surgiram, homens pobres como nós, para que nos tem sido negado a preparação mais elementar para que você possa nos usar como bucha de canhão e saqueando a riqueza do nosso país, não importa o que estamos morrendo de fome e de doenças curáveis, sem imortal não temos nada, absolutamente nada, sem teto decente, sem-terra, sem emprego, sem saúde, sem comida, sem educação, independentemente direito a eleger livre e democraticamente nossas autoridades, sem independência dos estrangeiros, sem paz e justiça para nós e nossos filhos.³

Estes 500 anos de luta, constitui, segundo os próprios zapatistas, a identidade de um México extremamente resistente, contraditório e plural. A Revolução Mexicana de 1910, que é para o zapatismo sua maior inspiração, proporcionou uma esperança de que seria possível

³ 1ª Declaração da Selva Lacandonense. Disponível em: <http://palabra.ezln.org.mx/>

mudar os rumos da história do México; Zapata e Villa pensavam assim, frente uma ditadura que perdurava por quase 40 anos; lutaram, resistiram e morreram.

O legado da Revolução de 1910, talvez não tenha sido o fracasso, mas sim, a esperança. Esperança que, a partir de 1917, quando Zapata é morto e o movimento revolucionário é suplantado pelo regime de Carranza, torna-se possível. Possível porque lutar e resistir, é parte integrante deste diversificado México.

Numa era em que celebrava-se o avanço e o triunfo do Neoliberalismo⁴, especialmente a partir da segunda metade do século XX, a insurreição de Chiapas emerge meio a um discurso teleológico da história, onde as utopias, o socialismo, o comunismo e as revoluções populares estavam fadadas ao fim. Sobre este aspecto,

Após o declínio do “socialismo real”, simbolizado pela queda do muro de Berlim em 1989 e o fim da U.R.S.S., uma corrente filosófica (não tão recente), passou a ganhar bastante notoriedade. Ela pregava o triunfo do capitalismo em sua forma neoliberal e um inexorável “fim da história”, pois se considerava que o Homo Economicus pacificaria o planeta e que o desaparecimento de um adversário significaria o fim da adversidade, e que, os conflitos, subsistentes não passariam de vestígios do passado⁵

Desde modo, Chiapas, palco do levante armado de 1º de Janeiro de 1994, traduz a imagem de um México desigual, desleal, pobre e violento. Pra se ter uma ideia do contraste e das contradições, Chiapas é o Estado mexicano em que se apresenta a maior iniquidade da distribuição da renda nacional, sendo posto como o último a receber os recursos financeiros do governo. Porém, o Estado produz por meio de suas hidroelétricas, cerca de 20% da energia total do país, isso sem contar que o território chiapaneco concentra 82% de toda indústria petroquímica do México, fora que retém 35% da produção mexicana de café. Mesmo assim, sua população é a mais pobre do país, em que 1/3 das casas não possui luz elétrica (GENNARI, 2005).

Outro agravante que faz de Chapas o Estado das contradições no México, é a concentração da maior parcela de terras nas mãos de banqueiros, empresários e fazendeiros. A região atrai a esses “senhores do negócio”, por ser de bom clima e geografia favorável à prática da criação de gado e desenvolvimento da agricultura de mercado. Hoje no México, assim como

⁴ Prática que se constitui de um modo geral, na valorização do mercado como um todo no objetivo do desenvolvimento econômico; reduz-se a participação do Estado nas políticas econômicas; promove a liberação de cargas tributárias a empresas estrangeiras; e terceirização de serviços públicos. (*O Neoliberalismo na América Latina: Carta dos Superiores Provinciais na América Latina – Documento de Trabalho*. São Paulo: Loyola, 1996)

⁵ FILHO, A. M. H. “o Zapatismo e o Fim da história”. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, São Paulo, 2004, v. 4, n. 3. p. 142.

em outros países, o Brasil por exemplo, uma das indústrias que mais se enriquecem à custa dos recursos naturais e da exploração dos meios hídricos, e as que pertencem ao ramo do agronegócio.

A consequência drástica resultante da prática agroindustrial em Chiapas é assustador; o índice de miséria e analfabetismo são alarmantes, a violência é outro fator preponderante; grupos paramilitares que, em grande parte dos casos são financiados pelo governo, aterrorizam a vida de camponeses e indígenas, principalmente nas comunidades zapatistas.

Todo este contraste, explica-se na situação política do México, no que Mario Vargas Llosa, escritor peruano e que viveu no país na década de 1990, chamou de “a ditadura perfeita”. “Eu me lembro de já ter pensado várias vezes no caso mexicano com a seguinte fórmula: a ditadura perfeita não é o comunismo, não é a União Soviética, não é Fidel Castro. É o México.” FUSER (1994) *apud* LLOSA (1993).

Durante quase toda sua história o México vivera sobre regimes ditatórias. Desde 1917, quando é ortogada a Constituição e adere-se ao presidencialismo, a história política do país ficou à mercê de um único partido, o PRI – Partido Revolucionário Institucional, que aliás, de revolucionário só tem o nome. LLOSA (1993) citado por FUSER (1994) assevera,

O México tem todas as características de uma ditadura: a permanência, não de um homem, mas de um partido. Um partido que é inamovível, um partido que concede espaço à crítica na medida em que esta lhe serve, porque confirma que é um país democrático, mas que suprime por todos os meios, inclusive os piores, aquela crítica que de alguma maneira põe em perigo sua permanência no poder.⁶

É justamente a “ditadura perfeita” que faz do México atual o que ele é hoje, comandado por um grupo de políticos que se dizem defensores da democracia e soberania popular, mas que nem se quer valorizam ou reconhece as tradições de seu povo.

A formação do exército zapatista de libertação nacional e os preparativos para o levante

De modo geral, houve a partir do final da década de 1990 na América Latina, uma emergência das sociedades empobrecidas que viviam às margens de toda e qualquer participação na vida social, política e econômica. Nesse sentido,

[...] O povo, como entidade regional para além de certas compartimentações políticas ou sociais, vai constituindo-se em força organizadora diante da hegemonia do Estado

⁶ FUSER, I. *apud* LLOLA (1993). “México em Transe”. São Paulo: Scritta, 1995. p. 14

Nas décadas de 1960-70, o México convivera com intensas ações de movimentos sociais urbanos e camponeses; estes movimentos, compostos em grande maioria por estudantes, intelectuais, operários, professores e trabalhadores do campo, intentavam uma reformulação política no país. Pouco tempo depois, a geração que participara das rebeliões da época se dividira em pequenos grupos, uns fundaram partidos de esquerda que logo foram sucumbidos pelo PRI, e outros optaram por organizar-se como guerrilha urbana.

O EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional), nasce da organização pensada e articulada da guerrilha urbana dos movimentos revolucionários de 1960-70, e de alguns grupos político-militares que também fizeram parte destes movimentos.

Blindando-se das fiscalizações do Estado e dos holofotes da mídia, a organização político-militar ganha forma; até 1983, quando o grupo chega a Chiapas, estes fizeram por galgar experiência e atrair adeptos à causa, preparam-se e estruturaram-se até o momento de se vislumbrarem como um exército de fato, capaz de introduzir uma nova ideologia no México, a da resistência.

Vale aqui ressaltar que, o contato do grupo político-militar com as comunidades indígenas de Chiapas, fez com que, através da troca de conhecimentos e experiências, se consolidasse a organização, no intuito de dialogar com os diversos segmentos da sociedade mexicana e alertar estes de que seria possível um México mais igual e menos violento.

O contato com as comunidades indígenas da Selva Lacandona de Chiapas, desenhará a identidade do movimento zapatista, e propiciará o amadurecimento da luta armada. A partir de então, inicia-se o processo de consulta e reuniões entre o grupo político-militar e as comunidades, no objetivo de discutir as possibilidades de uma rebelião armada.

No momento da consulta em cada povoado e comunidade, era lançada a seguinte pergunta: Seria a hora de começar a guerra? Mediante tal indagação, era possível discutir a viabilidade do levante, uma vez que seria necessário o empenho de todos caso a resposta fosse positiva.

O interessante, é a maciça participação das mulheres e jovens das comunidades no processo da consulta, sujeitos que nunca tiveram a oportunidade de decidir através do voto, assuntos relevantes dentro de seus povoados. Por fim, mediante voto direto, individual, porém

⁷ IRIARTE, G. *“Neoliberalismo: sim ou não?”*. Trad: João Paixão Neto. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 25

público, as enormes maiorias das comunidades se pronunciavam favoravelmente ao início da insurreição armada, apesar de quentes e tensos debates (GENNARI, 2002).

A exposição da 1º declaração da selva Lancadona

Com o aval das comunidades indígenas, o EZLN organizava-se para o levante. A mobilização funcionou de maneira geral e envolveu todos os integrantes do exército e dos povoados indígenas. Na madrugada do dia 1º de janeiro de 1994, usando *passamontânas*⁸, 900 zapatistas invadem ao mesmo tempo sete cidades do Estado de Chiapas: San Cristóbal de Las Casas, Altamirano, Las Margaritas, Oxchuc, Huixtán, Chanal e Ocosingo.

O então presidente mexicano Carlos Salinas de Gortari, recebe a notícia atônito ao celebrar no palácio do governo, a inserção do México ao NAFTA (Tratado de Livre Comércio da América do Norte), entre Estados Unidos, Canadá e México, de que um amontoado de indígenas e camponeses de Chiapas se rebelaram e tomaram, sem qualquer resistência por parte do exército federal – até porque foram pegos de surpresa – as principais cidades deste mesmo Estado.

A notícia toma conta das pautas dos programas jornalísticos da mídia internacional, algumas manchetes denominavam o movimento como terrorista, outras já questionavam a ação do movimento, dizendo que, não havia no México contra o que revoltar-se.

A ação estende-se durante toda a madrugada, com alguns tiroteios é verdade, porém sem qualquer ferido ou vítima fatal, tanto por parte dos rebeldes quanto pelo exército federal. No momento auge do levante, na sacada de um dos prédios oficiais do governo de San Cristóbal de Las Casas, é ditada por um zapatista, a 1º Declaração da Selva Lancadona⁹, carta magna do movimento que constava as reivindicações e o motivo pelo qual se rebelaram.

Logo notamos o apelo à sociedade civil a aderir a luta armada,

[...] Mas hoje dizemos BASTA!, São os herdeiros dos verdadeiros construtores de nossa nação, os despossuídos são milhões e, apelamos a todos os nossos irmãos a aderir a esta chamada como a única maneira de evitar morrer de fome antes da ambição insaciável uma ditadura de mais de 70 anos liderada por um bando de traidores que representam os grupos conservadores e traidores. Eles são os mesmos que se opuseram Hidalgo e Morelos, que traíram Vicente Guerrero, são os mesmos que venderam mais de metade do nosso país para o invasor estrangeiro, são os mesmos que um príncipe europeu de regra, são os mesmos que foram a ditadura de Porfirio Díaz cientistas, são os mesmos que se opuseram à expropriação do Petróleo, são os

⁸ Uma espécie de capuz utilizado geralmente por alpinistas.

⁹ Disponível em: <http://palabra.ezln.org.mx/>

mesmos que massacraram os trabalhadores ferroviários em 1958 e alunos em 1968, são os mesmos que hoje levaram tudo, absolutamente tudo [...] ¹⁰

Parte do texto aponta alguns pontos centrais, tais como as demandas básicas que motivaram a sua luta armada; dentre elas constavam; o respeito do governo e dos governantes para com as comunidades indígenas; direito de voto e decisão política, legalidade e liberdade de expressão; autonomia de formar livremente sem qualquer retaliação, pequenos grupos de diálogo com a sociedade e o próprio governo; dentre outras.

Ao terminar de ler a 1ª Declaração da Selva Lancadona, que lançava para o mundo os preceitos do levante em Chiapas¹¹, o guerreiro zapatista que acabara de lê-la empunha a seguinte frase: “A guerra fora nosso último recurso”. Este aspecto é interessante porque revela a ponderação e a organicidade do movimento de janeiro de 1994. Ao retomarmos a discussão a pouco explicitada, notaremos que nada foi decidido no vazio, as consultas às comunidades indígenas levaram cerca de dez anos até a decisão de pegar em armas e partir rumo à esperança.

No último parágrafo da 1ª Declaração da Selva Lancadona, podemos pormenorizar o que se tentou até agora resumir,

[...] Povo do México: Nós, homens e mulheres, cheios e livres, estamos conscientes de que nós declaramos a guerra como último recurso. Os ditadores estão aplicando uma guerra genocida não declarada contra o nosso povo por muitos anos, por isso pedimos a sua decisão de participação para apoiar este plano de luta. Declaramos que não vamos parar de lutar até que o cumprimento destas demandas básicas do nosso povo, formando um governo de nosso país livre e democrático.¹²

Considerações finais

A emergência zapatista está intimamente ligada às condições históricas do México. O levante armado de 1º de janeiro de 1994, representou a prova fundante de que seria possível por meio da resistência e do diálogo, reconstruir um país historicamente desconstruído; a insurreição de Chiapas, não fora um simples “motim” ou mesmo uma mera “causalidade”, este sim, representou uma nova perspectiva de se pensar a história (VITALI, 2012).

Observamos que esta discussão, ensejou, primeiramente, desconstruir a imagem de um México aparentemente “tranquilo”, “organizado” e, supostamente “feliz”. A célebre frase empunhada pelos revolucionários Zapata e Villa no período da Revolução de 1910 que

¹⁰ *Idem.*

¹¹ Como era época de comemoração do ano novo, o México num todo, recebia turistas de todas as partes do mundo, especialmente por oferecer uma vasta opção paradisíaca.

¹² *Idem.*

afirmava: “México, cada vez mais perto dos Estados Unidos e longe de Deus”¹³, traduz, em linhas gerais, a ideia de um país que parecia não ter condições de caminhar com as próprias pernas.

O México que procuramos discutir é um México caracterizado pelas contradições, pela desigualdade, a corrupção e a violência. Um país onde as eleições eram escandalosamente fraudadas e que prevalecia a manutenção no poder de um único partido, o PRI; que outrora, prestava serviços a uma elite poderosa e influente. Ora, este México, historicamente pensado, sempre produzira seus rebeldes, aqueles cuja esperança alimentava diariamente a força e a dedicação de lutar por um lugar melhor, pelo direito de permanecer nas terras que deles sempre foram usurpadas.

Assim como a Revolução de 1910, o levante armado de 1994, trouxe a esperança a um México que parecia afundar cada vez mais no “oceano” do Neoliberalismo. O discurso neoliberal propalava “o fim da história”, das utopias e dos preceitos marxistas do socialismo/comunismo, em um momento do processo histórico que a imagem de uma “revolução” seria praticamente impossível de ser vislumbrada, especialmente no México, que assinava com os Estados Unidos e Canadá em 1994, o NAFTA (Tratado de Livre Comércio da América do Norte), período justamente em que acontece a insurreição em Chiapas.

Em segundo lugar, objetivamos trabalhar a formação do EZLN, passando pelos movimentos sociais da década de 1960-70 até a constituição da guerrilha político-militar que se concentra a partir daí no alto das montanhas de Chiapas. Desde então, inicia-se o processo de diálogo com as comunidades indígenas da região, que vão buscar a troca de conhecimento e experiência necessária para o amadurecimento do movimento.

Nesse sentido, notamos, que o diálogo entre o grupo político-militar e as inúmeras comunidades indígenas de Chiapas, irá moldar e caracterizar a ideia do levante, possibilitando ao movimento consolidar-se como uma organização militar, social e política. A insurreição de 1994, fora fruto de intensos e longos debates, discussões e consultas, que foram estendidas às mulheres e aos jovens, até então não partícipes deste processo. Deste modo, opta-se, em voto pela maioria, de pegar em armas.

Com a invasão às sete cidades de Chiapas, é lançada a 1º Declaração da Selva Lancadona, que continha as principais reivindicações que justificavam a luta armada, bem como o apelo à sociedade civil mexicana a aderir de forma generalizada, ao movimento. Neste mesmo

¹³ NEPOMUCENO, E. “*Emiliano Zapata*”. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 12.

documento, estava exposto toda a história que vivera o povo indígena e camponês no México, desde o processo de independência, passando pela Revolução Mexicana de 1910, até chegar aos duros combates contra o Neoliberalismo.

O levante de 1994, assim como o é o zapatismo, em linhas gerais, é um convite aberto a todos que procuram compreender a história através da utopia, da esperança, da revolução. Revolução está, possível e capaz, portanto, de transformar o que parecia imutável.

Referências

(*O Neoliberalismo na América Latina: Carta dos Superiores Provinciais na América Latina – Documento de Trabalho*. São Paulo: Loyola, 1996)

FILHO, A. M. H. *O Zapatismo e o Fim da história*. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, São Paulo, 2004, v. 4, n. 3. p. 142-157.

IRIARTE, G. *Neoliberalismo: sim ou não?*. Trad: João Paixão Neto. São Paulo: Paulinas, 1995.

1º Declaração da Selva Lacandon. Disponível em: <http://palabra.ezln.org.mx/> Acesso em: 15 set. 2014

FUSER, I. *apud LLOLA* (1993). *México em Transe*. São Paulo: Scritta, 1995. p. 14.

GENNARI, E. *EZLN: Passos de Uma Rebeldia*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

_____. *Chiapas, as comunidades zapatistas reescrevem a história*, (2002).

VITALI, M. A. *Detrás de nosotros estamos ustedes: a produção do imaginário no discurso político zapatista*. In: X Encontro Internacional da ANPHLAC. 2012, São Paulo. Anais. p. 1-7.

NEPOMUCENO, E. *Emiliano Zapata*. São Paulo: Brasiliense, 1982.